Aldo O. Mónaco

A FESTA DA " VITÓRIA " da II GUERRA MUNDIAL

Manifesto aos senhores festeiros e ao povo em geral.

Aldo O. Mónaco

A FESTA DA "VITÓRIA"

Manifesto aos senhores festeiros e ao povo em geral

A FESTA DA "VITÓRIA"

MANIFESTO

AOS SENHORES FESTEIROS E AO POVO EM GERAL

ALDO O. MÓNACO



— CONFERINDO E DIVULGANDO A HISTÓRIA —

CAPA: Márcio Rodrigo Da Silva.
REVISÃO DO TEXTO: O autor.

3ª edição do autor
1ª edição da REVISÃO Editora e Livraria LTDA

ALDO O. MÓNACO
A FESTA DA "VITÓRIA"
Da II Guerra Mundial.
MANIFESTO aos senhores festeiros e ao povo em geral.

48 pgs. 16 x 23 cm - 1998.
I.S.B.N. nº85-7246-014-4
1. HISTÓRIA - II Guerra Mundial.

Uma Breve Introdução

A Faculdade de História e Geografia do poderoso conjunto universitário composto pelas Faculdades Metropolitanas Unidas e Faculdades Integradas Alcântara Machado, tem como Diretor um velho amigo meu, companheiro das lides acadêmicas, o ilustre professor Aurélio M. G. de Abreu, que além de possuir invejável currículo, é autor de obras conhecidas e reputadas, onde analisa fatos controversos da História Universal.

Recentemente, atendendo um convite para organizar naquela instituição um curso de Extensão Universitária sobre aspectos pouco conhecidos da História Contemporânea, ao montar o plano básico, resolvi enfocar apenas o século atual, que desperta maior interesse nos futuros docentes, os quais sabem que terão de atender os questionamentos das classes. Na conversa com o Diretor e seus Chefes de Departamentos, em dado momento demonstrei minha intenção de aproveitar o cinqüentenário do fim da II Guerra Mundial para centrar parte do projeto na análise atualizada dos fatos que levaram as principais nações de nosso Planeta a se engalfinharem num conflito de proporções nunca vistas em toda a História, sendo que no final, como soi acontecer, os vencidos passaram a carregar todo o ônus da culpa, que afinal de contas foi de todos os principais participantes daquele conflito.

Para minha surpresa, o professor Aurélio retirou de uma das gavetas de sua escrivaninha um opúsculo, com o sugestivo título de "A Festa da Vitória", e informou-me que a participação do autor, Aldo O. Mónaco, numa apresentação de alunos da Faculdade de História fora proibida pelos Chefes de Departamento, o que gerara profundo mal-estar entre os acadêmicos.

Conheço bem este tipo de repressão e sonegação dos fatos. Certa ocasião, em artigo sobre os dirigíveis Zeppelin, descrevi as razões que provocaram o desastre ocorrido nos Estados Unidos, com a morte de inocentes, devido à insistência americana em manter o monopólio do gás hélio com o pretexto de que se tratava de questão de segurança, quando na verdade eles queriam controlar a produção de dirigíveis. Foi o bastante para que eu sofresse diversos ataques por parte de fanáticos que odeiam a Alemanha e os sucessos obtidos por aquela grande nação. Por isso mesmo, ao ler o corajoso trabalho de Aldo Mónaco, senti profunda simpatia pelo autor, que não conheço pessoalmente, e me propus divulgar seu trabalho no curso de extensão.

Minha disposição, transmitida pelo prof. Aurélio ao autor de "A Festa da Vitória", resultou no honroso convite para prefaciar a segunda edição do estudo, o que comprova ter havido aceitação dos leitores. Sinal de que ainda existem pessoas com capacidade de raciocinar com isenção e discernimento em nosso País.

A verdade incomoda aos grupos que tentam formar a opinião das novas gerações tal como ocorreu no passado, quando o Brasil veio a participar de uma guerra que não tinha qualquer das razões apontadas pela mídia internacional, a serviço dos poderosos senhores, já conhecidos por suas atuações destrutivas em ocasiões similares. As razões eram econômico-financeiras, e demonstram o medo que os poderosos senhores sentiam da Alemanha.

1ª edição: agosto de 1995

Mas este livro não terá um percurso tranqüilo. Tal como "Os Protocolos dos Sábios de Sion" e a obra denunciadora de Ford, ele será combatido e anatemizado. Mas se cada um que o ler passar a outro leitor de inteligência não embotada pela sórdida propaganda dos "Festeiros", poderemos formar um grupo de pessoas livres, que contribuirão para que a VERDADE sobreviva, contanto que tenhamos a coragem, similar à do autor deste trabalho, de continuarmos a cultuar a nossa Musa, Clio, a padroeira da HISTÓRIA.

Orlando Bastos
LH, M. Sc, Ph.D.

Em tempo: O curso não mais será realizado. Os docentes com poder de voto e veto não aceitaram meu projeto, insistindo em mudanças que eu não permito, pois continuo defendendo a verdade dos fatos históricos.

O.B.

INVICTIS VICTI VICTURI

Muchos hablan mal de mí
Y yo digo mal de muchos:
Mi decir es más valiente
Por ser tantos y ser uno.

Francisco de Quevedo

Até que os leões tenham seus próprios historiadores,
as histórias de caçadas continuarão glorificando os caçadores.

Provérbio africano

Advertência

Não somos políticos, nem pretendemos catequizar ninguém. Não nos move, portanto, qualquer intuito proselitista ou preocupação mercadológica nem muito menos eleiçoeira. Este livro não se destina a agradar quem quer que seja. Queremos apenas deixar consignados nosso protesto, nossa revolta e nosso repúdio. Um mundo que tivesse olhos de ver não teria promovido festejos tão fátuos e tão fora de propósito. Deveria, isto sim, fazer rigoroso exame de consciência, se penitenciar pelos absurdos e crimes cometidos e, quer nos países vencedores quer nos perdedores, instituir o dia 8 de maio como dia de luto universal.

O sionismo, os servos do *Talmud* e seus lacaios jamais irão permití-lo, é claro. Mas isto, como diria Kipling, já é outra história.

O Autor

I
Uma Vitória de Pirro

Cinqüenta anos - meio século - transcorreram desde o crepúsculo wagneriano da Segunda Guerra Mundial. Cinqüenta anos nos separam do epílogo de uma conflagração mundial suicida, desencadeada pelos detentores dos dois maiores impérios coloniais mundiais - Grã-Bretanha e França - sob o mais fútil e injusto dos pretextos: impedir que a cidade de Danzig, de população exclusivamente alemã, fosse restituída à Alemanha. Cinqüenta anos de revoluções, guerras, genocídios, miséria, violência, drogas, inversão e subversão de valores, decadência de costumes, colonialismo cultural norte-americano.

Acabou se esboroando espetacularmente o comunismo, é verdade (e quem diz comunismo diz o maior beneficiário daquele conflito), mas um terço da Europa teve de padecer sob o jugo soviético durante quase meio século antes de poder recuperar liberdade e independência. Fora isso, o que nos trouxeram de realmente válido estas cinco décadas de pretensa, falsa paz?

Da hecatombe que ensangüentou o mundo entre 1939 e 1945, muito se escreveu sob a ótica dos vencedores. Sob a ótica dos vencidos, quase nada. **Vae victis!...**

Não nos deixemos levar pelas modas políticas, pela versão "politicamente correta" dos fatos. **O politicamente correto não passa de submissão ao patrulhamento ideológico.** Não nos deixemos ofuscar pelos antolhos de um primarismo maniqueísta. Acima de tudo, não nos atemorizem uivos e anátemas dos anti-revisionistas de plantão. A História - toda a História - é revisionista por definição. É chegado o momento de fazermos um balanço sereno, honesto e

objetivo e nos perguntarmos se valeu a pena o sacrifício de sangue de cerca de 50 milhões de pessoas e o arrasamento de cidades inteiras, com seus tesouros artísticos e culturais, para que o planeta ficasse pior do que antes.

Deixemos os preconceitos ideológicos de lado e usemos de simples bom senso.

Digam o que disserem os supérstites fautores daquela guerra e seus herdeiros de hoje, a Europa era bela em agosto de 1939 e é de duvidarmos que tanto e tamanho sofrimento e desperdício de bens e preciosas vidas humanas tenham sido de algum proveito para a humanidade em geral e a Europa em particular.

Sim, apesar de tudo, a Europa era bela em 1939. O ano de 1945 é uma ruptura na história da Europa e do mundo.

A idéia de Pátria e o "tudo pela Pátria" dos quartéis foram sacrificados à deusa Democracia nas duas formas visíveis que se tem venerado no mundo contemporâneo: a democracia capitalista ao estilo ocidental (made in U.S.A.) e a democracia "proletária" ao estilo oriental (made in U.S.S.R., a não tão finada União Soviética). Com a repetição maquinal, monótona, incessante da surrada cantilena sobre os direitos da pessoa humana. Com o silêncio tumular sobre os deveres.

O que estamos presenciando é a quebra do princípio de autoridade, o esvaziamento do conceito de nação, o triunfo de uma concepção hedonística da vida, vista não mais como serviço e sim como proveito. Numa época em que o bem-estar e o consumismo são elevados a projetos de vida, já não há lugar para ideais mais nobres. O **Prazer** assiste ao crepúsculo do **Dever**. Estamos até ingressando numa espécie de Era do Pós-Dever.

No Ocidente em geral e no Brasil em particular, essa "democratite" aguda atingiu extremos grotescos e de inaudita aberração. Basta dizer que já existe na Alemanha um monumento ao desertor, ao passo que no Brasil chegou-se a erguer, com dinheiro público, um monumento ao cantor Cazuza, que em pleno palco cuspiu na bandeira nacional. E tome democracia![1]

Por essas e outras, a questão está longe de ter interesse apenas histórico. Vivemos já há meio século sobre uma deturpação e falsificação da história, mas bem poucos parecem ter ciência e consciência disso. Quanto aos vencidos, não têm voz nem vez. E por vencidos entenda-se não certos seus medíocres e corruptos governantes atuais, mas os que até hoje não têm compactuado com os vencedores de ontem e não vêem motivo algum para entoar o **mea culpa**, muito pelo contrário.

A moda hoje é a repulsa à disciplina, à hierarquia, à tradição. A moda hoje é desmitificar heróis, condenar nacionalismos, demonizar vencidos. Contudo, nenhuma força humana pode apagar da história o que na história entrou como uma realidade e uma fé.

Fanfarras e trombetas, banquetes e foguetórios marcaram as anacrônicas comemorações daquele distante 8 de maio de 1945, mas a esquálida realidade está aí e não nos deixa mentir. Não há como negar que o conturbado, injusto e decadente mundo de hoje nada mais é do que o resultado daquela infausta guerra e que a inépcia e o fracasso dos vencedores em organizarem o mundo de pós-guerra foram totais e absolutos.

---

[1] Em idos tempos que parecem imemoriais, por menos do que isso ouvir-se-ia neste país o que certos colunistas ironicamente chamavam "tinir de sabres". Nos dias atuais...haja "permissividade"!

Mesmo porque nada ensinaram aos novos donos do mundo os erros do "Tratado" de Versalhes (1919), o mais injusto e iníquo, vingativo e humilhante da história universal. (A tal ponto que foi rejeitado pelo Senado americano. A tal ponto que não estaria longe da verdade quem dissesse que o ditador alemão nasceu em Versalhes.) Esses erros de toda índole - políticos, geográficos, econômicos e psicológicos - foram repetidos em 1945, nas malfadadas Conferências de Ialta e Potsdam, em escala incomensuravelmente maior, por obra e graça dos chamados 3 grandes: um frio e cínico tirano e assassino em escala industrial (Stalin), um bêbado inveterado (Churchill) e o maior responsável pela Segunda Guerra e suas agourentas seqüelas, o súcubo lacaio do primeiro (Roosevelt). Esse nefasto personagem, portador de esclerose cerebral bastante avançada (um dos segredos mais bem guardados pelas pessoas de sua intimidade), conseguiu transformar o conflito europeu em mundial e o prolongou com a desvairada fórmula da rendição incondicional dos inimigos, proclamada em Casablanca.

Sob a égide da vingança, o mapa da Europa e do resto do mundo foi redesenhado de maneira bem pior do que a resultante dos "tratados dos subúrbios de Paris" sucessivos à Primeira Guerra, muitas vezes à custa de execuções ou deportações em massa de milhões de pessoas, que tiveram de experimentar nas próprias carnes as delícias dos novos ventos libertários e "democráticos".

O constante estado de guerra no Oriente Médio e na extinta Iugoslávia, as incessantes guerras tribais acompanhadas de matanças, que continuam assolando todos os países africanos, constituem mais alguns exemplos do que veio a ser o mundo "organizado" pelos vencedores, "teólogos" da democracia, apóstolos da descolonização, emancipação e quejandos.

Até mesmo o colapso financeiro mundial que está se delineando em decorrência da globalização da economia (globalização essa, há pouco tempo conhecida como imperialismo econômico) não deixa de comprovar - em escala planetária - o malogro dos vencedores, encerrando com chave de ouro este melancólico cinqüentenário.

Contudo, em nome de uma unidade ideológica fictícia, em todos os quadrantes houve discursos e celebrações sem conta. Como de costume, a democracia foi endeusada e incensada **ad nauseam**, invocando-se-a, como de praxe, a cada duas ou três palavras de políticos e autoridades constituídas. Uma verdadeira obsessão, uma autêntica catafasia. A "pessoa humana", a "consciência universal" e outras formulações etéreas receberam tratamento retórico-apologético similar. Quanto aos vencidos, "carrascos" e "monstros" foram os epítetos mais brandos para nomeá-los. Longe de respeitar-se-lhes o silêncio, foram e serão execrados sem contemplações por todos os séculos dos séculos. Ao mesmo tempo, foi exaltado em prosa e verso o terrorismo sanguinário de guerrilheiros, franco-atiradores, desertores e falsos heróis de uma "resistência" que só serviu para atrair as naturais e necessárias represálias do exército ocupante. Exército esse, que tinha o imperioso dever de proteger a sua retaguarda, empenhado como estava numa luta de vida ou morte contra os três mais poderosos impérios mundiais.

Os senhores festeiros esquecem que o terrorismo da atualidade tem uma sua precisa raiz histórica na Segunda Guerra Mundial e, precisamente, na desleal e proditória guerra desses falsos patriotas. É daquela guerrilha que nasce e se articula toda a experiência terrorística das últimas 5 décadas.

Enquanto isso, até o rei da Espanha (numa atitude das mais inconseqüentes) foi se deslocar até Paris para participar das comemorações. Ao endossar levianamente tanto despautério, esqueceu que, nas duas guerras mundiais, manteve seu país a não-beligerância até o fim, muito embora na última seu governo insistisse em que a Espanha não era neutra, mas uma "aliada espiritual" da Alemanha e da Itália. Como se não bastasse, essa mesma Espanha enviara uma legião de voluntários - a Divisão Azul - que se cobriu de glória na Cruzada antibolchevista liderada pelo III Reich. (Dos campos de concentração soviéticos na Sibéria regressaram apenas 286 sobreviventes.) O monarca parece ter esquecido, ainda, que uma cidade espanhola - Gibraltar - ainda é colônia britânica (a única colônia existente no continente europeu, neste ano da Graça de 1995) e a Rússia nunca devolveu à Espanha as reservas de ouro de que "democraticamente" se apoderou por ocasião da Guerra Civil Espanhola.[2]

O presidente Clinton saiu também de seus cuidados e foi festejar a data na ex-URSS. Foi dar o ar da sua graça no país aliado em que, bem antes da invasão alemã, foram assassinadas 70 milhões de pessoas (conforme confissão da própria revista oficial do Partido Comunista russo em 1989!). Foi reverenciar esse mesmo "inocente" aliado que, pouco antes de ser, por sua vez, atacado, não tivera escrúpulos em agredir Finlândia, Polônia e Romênia, além de anexar, virtualmente em um único dia, três repúblicas independentes - Estônia, Letônia e Lituânia - , sem causar escândalo algum entre os países que iriam "tomar as dores" da Polônia. Serão também esquecidos os 2 milhões de alemãs violadas por ocasião do avanço do Exército Vermelho sobre Berlim em 1945, bem como a posterior submissão a ferro e fogo da Hungria e da Tcheco-Eslováquia e a expansão da tirania comunista na Ásia.

---

[2] Há monarcas que envergonham uma inteira dinastia. É o caso do falecido Jorge VI da Inglaterra: Stalin, o supremo assassino do século, que fez massacrar seu povo, seus colaboradores, seus generais, sua própria família, recebeu desse rei...um sabre de ouro!

II
A "Culpabilidade" Alemã

A Alemanha nacional-socialista era uma ditadura? É possível. Só não se entende como, decorridos três anos desse regime, um plebiscito convocado por Hitler deu-lhe mais de 98,8% de aprovação popular.

Ora, em princípio, o regime ditatorial permanente não se afigura decerto o ideal. Não obstante, a ditadura ou, quando menos, o Estado forte é a única solução realista para uma grave e profunda crise nacional, tal como a que inviabilizara a República de Weimar, a caótica Itália pré-fascista ou a não menos caótica Espanha da "Frente popular". De qualquer forma, a questão dizia respeito ao povo daquele país e nenhum outro. Cada povo tem o direito de escolher o regime que a ele mais se adapta e com ele mais se coaduna, sem quaisquer interferências alienígenas. A liberal-democracia burguesa - diga-se de passagem - jamais foi tradição alemã.

Os alemães também "invadiram" países vizinhos e violaram o "intocável" Tratado de Versalhes? Inegavelmente. Só não se entende como na Renânia, na Áustria, região dos Sudetos, Memel, Danzig, países bálticos, Ucrânia, etc. foram recebidos com flores, bandas de música, repicar de sinos e bandeiras ao vento por populações delirantes de entusiasmo.[3] - Invasores ou libertadores? Só não se entende por que os últimos e heróicos defensores das ruínas da capital alemã, sitiada por três milhões de russos, com mais de 42.000 canhões, 6.200 tanques e 8.300 aviões, fossem voluntários belgas e franceses, espanhóis e escandinavos. (A épica e sangrenta resistência de Berlim se prolongou por 18 dias!). Só não se explica por que, em sua campanha contra a Rússia bolchevista, foram os alemães

[3] Existe farta documentação cinematográfica a respeito.

auxiliados por centenas de milhares de voluntários de todos os países da Europa e até mesmo da própria URSS. Esses voluntários de 28 diferentes nacionalidades fizeram com que, pela primeira vez, uma espécie de despertar europeu atravessasse o continente; pela primeira vez vislumbrou-se uma autêntica união européia. Esses voluntários lutavam e morriam convictos de defender o seu país não menos do que a Europa, berço da civilização. Orgulhavam-se de participar de uma honrosa cruzada libertadora contra um regime não apenas oficialmente ateu, mas que negava Deus da maneira mais explícita e perseguiu todas as religiões até o ponto de incendiar as igrejas ou transformá-las em museus anti-religiosos, cinemas ou estrebarias. Esses jovens até assistiam missa e comungavam antes da batalha. Qual o motivo da presença de sorridentes autoridades eclesiásticas nas atuais comemorações e festividades? Mistério.[4]

Quem condena a ofensiva alemã contra a URSS, considerando-a um erro militar e estratégico, uma desnecessária e criminosa agressão ou ambas as coisas, está no mínimo mal informado. Desconhece que as ambições e exigências soviéticas eram cada vez mais descabidas e delirantes. Desconhece que havia 155 divisões soviéticas concentradas ao longo das fronteiras, preparando-se para invadirem não somente a Alemanha mas o resto da Europa, com vistas à bolchevização do continente, mas na realidade em nome do eterno expansionismo russo, de cunho pan-eslavo.

De qualquer maneira, seria interessante indagar em nome de quê, com que direitos e por que meios Inglaterra e França tinham

---

[4] Contudo, deve o motivo ser o mesmo que as levou aos palanques por ocasião das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, a mais canalhesca da história. Nessa sangrenta revolução (nascida de um complô maçônico), em nome do oco e abstrato trinômio "liberdade, igualdade, fraternidade", foram trucidados dezenas de milhares de religiosos, incendiados ou expropriados conventos, igrejas e outros bens do clero e perpetrados inúmeros outros assassinatos e atrocidades. Como coroamento da obra, foi oficialmente proclamada a inexistência de Deus e a entronização, em seu lugar, da deusa Razão. Por essas e outras, a não ser que tomemos o sistema métrico-decimal como recompensa satisfatória, a tão celebrada Revolução Francesa deve ser considerada um desastre absoluto para a civilização européia.

conseguido se apoderar de territórios correspondentes a mais da quinta parte do globo, enquanto a Alemanha não contava com colônia alguma e a Itália, ludibriada em Versalhes, era contrariada em suas naturais aspirações.

A estulta "garantia" que os irresponsáveis governantes de Inglaterra e França deram à Polônia para que esse país continuasse de posse de territórios e habitantes milenarmente germânicos foi não apenas erro fatal e imperdoável, mas uma clamorosa injustiça.

O que a Alemanha então pedia, afinal de contas, era apenas o retorno à Alemanha de regiões alemãs em sentimento, língua e origem. Hitler podia invocar o direito de autodeterminação dos povos proclamado por Woodrow Wilson, em apoio de suas reivindicações. Não foi por acreditarem nas promessas desse presidente americano que os Impérios Centrais pediram o armistício em 1918? (Só que, quando em 1919 foi imposto o "Tratado" de Versalhes, dezenove das vinte e três condições de paz do presidente foram flagrantemente violadas pelos próprios vencedores.)

Além disso, se foi para defender os interesses poloneses que Londres e Paris declararam guerra à Alemanha, por que não a declararam também à Rússia, que aproveitou a ocasião para invadir e anexar metade da Polônia e - diga-se de passagem - assassinar, em Katyn, 10.000 de seus oficiais, intelectuais e membros das classes dirigentes?

A propósito, quando a Alemanha criou o Protetorado da Boêmia e Morávia e tornou independente a Eslováquia (desmembrando um Estado-mosáico artificialmente criado nas mesas de Versalhes por obra da franco-maçonaria), quanto alarido hipócrita! Mas a "inocente" Polônia não se valeu da oportunidade para anexar a rica região tcheca de Teschen? E não foi essa mesma Polônia "mártir" que invadiu a Lituânia para anexar a cidade de Vilna e arredores?

Nada mais confuso do que o começo das hostilidades na Polônia. Mas é incontestável a existência de documentos que comprovam 44 incidentes e violações de fronteira, por parte dos polacos, somente nos 7 dias anteriores à reação alemã de 1º de setembro de 1939, quando a própria Polônia foi, por sua vez, parcialmente invadida.

Lamentavelmente, uma propaganda insidiosa e tendenciosa, aliada à desinformação e à ausência de memória histórica, fazem com que a chamada "consciência universal", outra endeusada abstração do mundo atual, se prenda a uma perspectiva sistematicamente deformada e completamente unilateral dos fatos.

O século XX, escreveu o historiador Oswald Spengler, produziu uma espécie terrível de pessoas: a do homem que acredita realmente no que é publicado nos jornais. Ao cunhar frase tão definitiva, não titubeou o autor de "A Decadência do Ocidente" em denunciar, a um tempo, credulidade das massas e não-confiabilidade de certa "grande imprensa". Só que suas palavras mereceriam um adendo: A imprensa que "julga" tudo e todos quem a julgará? **Quis custodiet custodes?** Até quando seremos os joguetes de jornalistas e intelectuais a soldo do sionismo, que pululam em certas redações e estúdios de TV e para os quais importa não o fato e sim a espúria e capciosa versão dele? - A palavra ao rabinato do Grande Kahal, que dirige de Nova York os destinos do judaísmo mundial (e antes fosse só dele!). Com a palavra também o Congresso Mundial Judaico, patrulheiro ideológico-cultural do orbe terráqueo e "magna pars" na estratégia de dominação mundial, com quartel-general naquela mesma cidade.[5] Enquanto isso, já no limiar do terceiro milênio, mais do que nunca continuarão massas passivas, induzidas e amorfas à mercê de uma imprensa mendaz e difamadora, mercantilista e irresponsável.

---

[5] Para que não se diga que a "teoria conspiratória" não tem fundamento, convém dar o nome aos bois!

De nossa parte, não sabemos se a verdade existe, mas sabemos que existe a mentira. E meia verdade é uma mentira inteira.

Não é verdade que a Alemanha foi responsável pela Segunda Guerra. A coisa é bem mais complexa. A responsabilidade dos belicistas de Inglaterra e França, atiçados por Roosevelt e o capitalismo internacional, é tão pesada, pelo menos, como a responsabilidade de Hitler. A guerra podia e devia ser evitada. Mesmo depois de declarada e depois de terem sido derrotadas em poucas semanas Polônia e França, o Führer fez reiteradas, insistentes ofertas de paz.

Evitado o conflito, teria sido evitado até mesmo o chamado "Holocausto". Mas quem declarou essa guerra senão a França e a Inglaterra? Por que imiscuirem-se em assuntos internos e disputas fronteiriças de outros países? Por que não aceitarem as propostas de paz alemãs?

Cegueira política? Egoísmos nacionais? Obstinação dos anglo-franceses em perpetuarem indefinidamente sua hegemonia mundial? - Muito de tudo isso, sem dúvida. Mas poucos sabem que depois da guerra (em 1945) o embaixador americano Joseph Kennedy declarou a James Forrestal que em 1939 Chamberlain, o insuspeito primeiro-ministro britânico, lhe dissera: "Os judeus americanos e do mundo forçaram-nos a entrar na guerra".

Não se esqueça a ascendência israelita do presidente americano e de seus principais conselheiros. No mais, o livro de seu genro, coronel Dall, *"A Política de Guerra dos Estados Unidos"*, atesta, acima de qualquer dúvida, a responsabilidade exclusiva de Roosevelt e Churchill no segundo conflito mundial e sua criminosa conspiração contra a paz.

A Alemanha nacional-socialista foi acusada de ter-se considerado e proclamado o maior povo do mundo. É uma tendência natural, humana, justa de todos os povos que se estimam. Quando os países chamados pequenos tentam provar a si mesmos e aos demais não serem tais, não será natural que os grandes países se proclamem maiores? Temos o exemplo de ingleses, americanos e muitos outros e é bem conhecida a tradicional vaidade dos franceses que não estão longe de considerar-se o povo mais glorioso e inteligente do mundo. É tarefa natural de um líder ou de um regime exaltar o sentimento patriótico e o orgulho de seu povo. Um povo sem orgulho está morto e acabado.

Que essa tendência, nos cinzentos dias de hoje, possa ser julgada politicamente incorreta não altera a realidade de um fenômeno psicossocial inerente à própria natureza humana. Fenômeno esse que vem ocorrendo universalmente e sem solução de continuidade desde a mais remota pré-história, tanto no plano individual como no coletivo: a exaltação da própria nação.[6]

Acresce que o povo germânico, humilhado, vilipendiado, e espezinhado após a Primeira Guerra, tinha como que perdido a auto-estima e a autoconfiança. Presa do desânimo e descrente ante a inoperância, fraqueza e malogro de um regime embasado nas nebulosas enteléquias demo-liberais, necessitava de algum mito positivo que lhe despertasse e galvanizasse o sentimento nacional, para voltar a acreditar em si mesmo e se recuperar das conseqüências da derrota. Ora, o mito não é necessário que seja uma realidade. É uma realidade no fato de ser estímulo, incentivo, fé, coragem. O próprio Hitler, em seu pragmatismo, confessava sorrindo não levar muito a sério as idéias radicais e certos lirismos subjetivos e exageros

[6] O Brasil conheceu algo semelhante como *ufanismo*. Na chamada "era Vargas", por exemplo, a cada 19 de abril, as escolas públicas desfilavam ao som de fanfarras. Era o "Dia da Raça". O que era isso senão orgulho nacional e até mesmo racial? O que era o *verde-amarelismo*? Não se incorra no equívoco de julgar o passado pela ótica presente e os critérios atuais de valores. A História tem seu ritmo e tempo.

doutrinários do principal teórico do regime: Alfred Rosenberg, alemão dos países bálticos. (De resto, o próprio título de seu livro mais conhecido *"O Mito do Século XX"*, é bastante significativo.) Bem sabia o *Führer* que o alemão é um povo heterogêneo, com um aporte não indiferente de sangue eslavo e francês entre outros.

Os próprios judeus, com suas incansáveis ladaínhas de autocomiseração, suas lamúrias enfáticas quando o interesse pessoal é lesado, também entoam há séculos hinos à sua "superioridade" perante outros povos e raças por ainda considerarem-se o "povo eleito".

Citemos G. Batault, *"Le problème juif"*: "É de todo insustentável a atitude de numerosos judeus e consistente em atribuir o secular fenômeno do anti-semitismo apenas aos mais baixos sentimentos e à crassa ignorância. Perfeitamente infantil querer sempre opor o bom cordeiro judeu - todo balidos, todo tresandando devota doçura - ao malvado lobo não-judeu, sequioso de sangue e ululante de inveja feroz".

Debrucemo-nos agora sobre o *Talmud*, o código dos códigos judeus:

- "Os não-judeus foram criados para servir dia e noite aos judeus.

- Só os judeus são homens e as outras nações não passam de variedade de animais".

Acusou-se o nacional-socialismo de ter aplicado um programa político de discriminação e exclusão dos judeus. Ninguém o nega; mas tinha lá seus motivos, bons ou maus que fossem, e até o direito soberano de convidá-los a evacuar a Alemanha. Além disso, não será inútil recordar - dado que muitos parecem ignorá-lo ou tê-lo esquecido - que Hitler não foi o inventor do anti-semitismo (termo

aliás semanticamente incorreto[7]); mas que, durante os séculos que o precederam, em todos os tempos e países, até mesmo no Brasil colônia, foram os judeus objeto de perseguições. Basta dizer que foi um papa, Paulo IV, que instituiu um rígido controle da circulação dos judeus fora dos guetos (criados aliás pelos próprios judeus) e os obrigou a portar a estrela de Davi amarela sobre a roupa. O último judeu queimado em praça pública pela Inquisição o foi em 1623. Alguém deixa de ser católico por causa disso? Alguém deixa de ser luterano por haver sido Lutero o pai do secular anti-semitismo alemão?[8]

Acusou-se a Alemanha nacional-socialista de ter-se tornado um Estado forte, poderoso, temível, materialmente, militarmente e até demograficamente. Como se não fosse aspiração e dever essencial de toda nação tornar-se forte, poderosa, e temível, material e militarmente. Por que seus vizinhos se deixaram enfraquecer pela liberal-democracia - "luxo dos povos ricos", no dizer de Mussolini - ao invés de tornar-se fortes e prósperos como ela? Afinal, contavam com a vantagem de ser os vitoriosos de 1918 e a Alemanha fora vencida, espoliada e isolada. Poderiam e deveriam, ainda, ter aderido ao Pacto Antikomintern, contra a Internacional Comunista, como muitos outros países europeus o fizeram, evitando assim que, durante meio século tropas russas acampassem em pleno coração da Europa e escravizassem 15 países, sem contar os da própria União Soviética. Não necessariamente os nacionalismos se elidem!

A Alemanha queria a paz com a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, e a cooperação deles na luta contra o bolchevismo.

---

[7] Nem todo semita é judeu, nem todo judeu é semita.

[8] Em todos os países onde se instalou, o judeu desencadeou contra si o ódio. O faraó do Egito julgava-os intoleráveis, tal como o chanceler Hitler. São Luís que os expulsou da França e a Rainha Isabel a Católica, que os afastou da Espanha, não eram, que saibamos, hitlerianos.

As declarações retóricas de Roosevelt e seus asseclas, atribuindo a Hitler a intenção de "dominar a América e o resto do mundo" não passavam de fantasias, utilizadas - à mingua de melhor - como propaganda de guerra. Seu fundamento ideológico era nulo. Não havia nenhum plano alemão para um ataque militar aos Estados Unidos, antes pelo contrário. Apesar das reiteradas reclamações de seus almirantes, Hitler ordenara aos submarinos alemães que evitassem combates com os navios americanos, mesmo em caso de extrema provocação. (Note-se que as violações da neutralidade por parte das belonaves dos Estados Unidos eram constantes e que estes já haviam invadido Islândia e Groenlândia, à época possessões dinamarquesas.)

Vale lembrar também que Hitler, apesar de toda a sua ideologia do *Lebensraum* (espaço vital), mostrou pouco interesse nas anexações territoriais, durante a guerra. Stalin, o maior representante de uma ideologia, de acordo com a qual os Estados eram meras formas sobrepostas às realidades das estruturas de classe e senhor do mais vasto império territorial do mundo, procurava ambiciosamente obter para o seu Estado, quanto mais depressa melhor, qualquer pedaço de território, europeu ou asiático que fosse. Em 1941, já anexadas vastas regiões finesas e polacas, além dos três Estados Bálticos, o apetite da URSS continuava insaciável. Infringindo as cláusulas do Pacto de Não-agressão germano-soviético, passara a exigir mão livre na Finlândia, Romênia, Bulgária e nas margens do Bósforo. Foi isso que exasperou os governantes alemães, já alarmados com os gigantescos preparativos militares soviéticos, e tornou inevitável a guerra entre os dois países.

Já no caso de França e Inglaterra, não seria exato falar-se em ulteriores aspirações territoriais, e sim na manutenção do **status quo**, visto essas duas potências estarem, à época, extremamente bem servidas a respeito, para dizer o mínimo.

Na verdade, sob o manto dos "imortais princípios" de 1789, mais uma vez tratou-se de uma guerra econômica, mais do que ideológica. O reerguimento da Alemanha das cinzas da derrota de 1918, sua abolição do padrão ouro e a crescente concorrência dos seus produtos (melhores e mais baratos) nos mercados internacionais estava causando ciúme, inveja e preocupação entre as democracias capitalistas. Por outro lado, os fabricantes de armamentos estavam ansiosos por aumentar seus lucros com uma nova guerra.

No mais, parodiando Voltaire, pode-se dizer: a Alemanha é uma nação muito perigosa; ela se defende quando atacada.

Não é verdade que os alemães foram "monstros" e seus governantes um bando de insanos e malfeitores. A divisão entre heróis e vilões, mocinhos e bandidos é maniqueísmo puro. A visão do III Reich como encarnação do mal é viciada, adulterada e mais maniqueísta do que um faroeste. As nações que não hesitaram em comprar sua vitória com a vida de 2.650.000 civis alemães, isto é, 2.650.000 vidas de operários, idosos, mulheres e crianças, não têm direito de lhes dirigir esta acusação.

A recuperação de Danzig e do chamado Corredor Polonês por parte da Alemanha era assunto doméstico alemão. A tal ponto que, três dias antes da "invasão" alemã, o Senado da desventurada cidade havia formalmente decretado o retorno desta à pátria comum - a Alemanha. Ora, com o desfecho da "guerra por Danzig", a antiga Cidade Livre perdeu definitivamente a liberdade, anexada que foi pela Polônia, assim como vastas regiões do antigo Reich, das quais foram barbaramente expulsos os habitantes.

Com efeito, numa operação que hoje seria denominada "limpeza étnica", tiveram de abandonar suas terras e lares, a pé, em pleno inverno europeu, 9 milhões de alemães do leste e 3 milhões da Boêmia e Morávia. Dois milhões não sobreviveram. Por que sobre

essa deportação e esse autêntico genocídio o chamado "mundo livre" até hoje silencia?

É que os "bons democratas" não se interessam por certos "detalhes". É que os "bons democratas" preferem, por exemplo, verter rios de lágrimas sobre o caso de Anne Frank, a menina judia que durante a Segunda Guerra escreveu um diário escondida num sótão e depois morreu de febre tifóide, em sua própria cama, num pavilhão de campo de concentração. Pena que esse pretenso diário tenha sido escrito com caneta esferográfica, inventada vários anos depois do fim daquela guerra! (Leia-se a respeito a esclarecedora obra "*Quem escreveu o Diário de Anne Frank?*" do historiador francês Robert Faurisson.)

Não nos alongaremos tratando da questão dos campos de concentração alemães, por já existir suficiente literatura revisionista a respeito, desmascarando a **Mentira do Século**. Queremos apenas lembrar que qualquer excesso contra prisioneiros, quando descoberto, era severamente punido. Apenas como amostra, cumpre citar o caso, ocorrido em Buchenwald, em 1944, quando as autoridades nazistas descobriram abusos praticados naquele campo. O Juiz das SS Morgen processou imediatamente o Comandante Koch, que foi fuzilado perante todos os prisioneiros do campo, convocados para o ato, enquanto que outros funcionários foram presos. De resto, o mínimo que acontecia a um SS que maltratasse internados era ser degradado.

Por outro lado, reduzir o maior conflito em que se envolveu a humanidade à história - extremamente mal contada - de determinados campos de internados (aliás constante e cuidadosamente inspecionados pela Cruz Vermelha Internacional) nada tem em comum com a lógica, a sensatez e a verdade histórica. Por mais difundido que seja e mais conveniente que tenha resultado para os escusos interesses do sionismo, esse vezo nada mais é do que a conseqüência de sua má

fé e seu domínio da totalidade dos meios de divulgação, tão pródigos em sofismas desse quilate.

Longe de nós a idéia de condenarmos donos e expoentes da chamada "mídia", todos subservientes ao sionismo, tal qual o próprio Brasil o é. Afinal, esses cavalheiros precisam sobreviver e o sensacionalismo é mais fácil e rendoso do que a busca da verdade. Mas o que dizer, por exemplo, dos muitos judeus que durante a guerra trabalharam para os alemães na Mercedes-Benz com direito ao devido ordenado? - Não é estranho que decorridas várias décadas do fim das hostilidades, passassem a reclamar as horas extras supostamente não pagas? E que, ao mesmo tempo, continuassem sustentando que os campos de internados (que eram gigantescas fábricas de material bélico) eram de maciço extermínio?

Fantasiar sobre a lenda das câmaras de gás continua dando bons dividendos, é claro. Carregar nas tintas e nos detalhes horripilantes "vende bem". Mas quem o faz ignora ou finge ignorar que em 1960 o Instituto de História Contemporânea, de Munique, teve de reconhecer oficialmente que nunca houve câmara de gás alguma em nenhum dos campos de concentração situados em todo o território do Grande Reich. Note-se que o aludido instituto prestou essa preciosa declaração com evidente relutância, por tratar-se de entidade financiada pelos Rockefeller, família notoriamente israelita. Leia-se também o livro de S. E. Castan "*Acabou o gás!*" (título por si só eloqüente como poucos), com os resultados das pesquisas *in loco* do engenheiro norte-americano Alfred Leuchter, insuspeito especialista no assunto por ser projetista e fornecedor oficial de câmaras de gás para o governo dos Estados Unidos (que as utiliza até hoje).

De qualquer maneira, é um fato que, em 1945, milhões de judeus continuavam bem vivos na Europa, enquanto os muitos milhões que haviam emigrado para outros países e continentes foram despudoradamente incluídos no rol das vitimas dos míticos gaseamentos.

Com o decorrer do tempo, foram forjadas falsas provas, efetuadas macabras fotomontagens (aliás de técnica lamentável), construídos fornos crematórios suplementares (novos em folha, só que...sem chaminés) e torturados até a morte prisioneiros de guerra, para que "confessassem" os absurdos sem conta que aos vencedores convinha impingir. Incriminados os vencidos e executados por enforcamento seus ministros e líderes, o mundo haveria de esquecer que os únicos e verdadeiros fornos crematórios da história foram as cidades alemãs e japonesas, pulverizadas e carbonizadas pelos indiscriminados bombardeios terroristas dos auto-denominados "libertadores".

Na verdade, grande parte dos óbitos nos campos de concentração era motivada por epidemias, principalmente de tifo e cólera, de difícil controle na época e que atingiam também as próprias guarnições dos campos.

Nos últimos meses de hostilidades, essas epidemias devastadoras e as condições gerais do universo concentracionário eram agravadas pelos maciços bombardeios que destruíam as ferrovias, as rodovias, as redes elétricas, os encanamentos, paralisando os transportes, impedindo os abastecimentos, implantando o caos. A verdade é que, em 1945, dos dois lados do arame farpado, o tifo, a disenteria, a fome dizimavam tanto os prisioneiros como a população civil do Reich.

Quais as culpas de Hitler, então? Tentemos resumi-las.

Afastou da vida nacional o poder paralelo, massacrante e racista de bem conhecido grupo étnico; a exemplo de Mussolini, cortou as asas do capitalismo selvagem (vide "*História da Riqueza do Homem*" de Leo Huberman, israelita); acabou em poucos meses com uma inflação astronômica e miséria e desemprego sem precedentes.[9] Esforçou-se em reunir todos os alemães em um só povo; queria que esse povo se libertasse dos grilhões de Versalhes e retomasse o caminho da antiga grandeza; defendeu a civilização européia contra o imperialismo soviético e a prepotência hegemônica americana. Que há de errado em tudo isso? Que nos conste, derrota militar não equivale a derrota ideológica.

Não podemos deixar de lembrar, a propósito, as palavras de Ramalho Ortigão:

"Quantas e quantas vezes, para a imanente justiça da História, a derrota dos vencidos não se tornou a condenação dos vencedores!".

E ainda o Evangelho segundo São João, capítulo 7, versículos 12 e 13:

"E havia grande murmuração entre a multidão a respeito dEle. Diziam alguns: Ele é bom. E outros diziam: Não, antes engana o povo. Todavia, **ninguém falava dEle abertamente, por medo dos judeus**".

Isto posto, retomemos ao estopim que deflagrou o conflito, ao *casus belli* que serviu de pretexto para a declaração de guerra dos anglo-franceses (comprovadamente pressionados, repetimos, pelo capitalismo internacional).

---

[9] Diferentemente do que até hoje se acredita e propala, menos de 5% dos novos empregos tinham qualquer coisa a ver com fabricação de armas ou outros propósitos bélicos. (Vide A. J. P. Taylor: "History of World War II".)

É bem verdade que o malfadado Corredor, obra-prima do Diktat de Versalhes, continua em poder dos poloneses. Mas a que preço? Não é menos verdade que metade da Prússia Oriental, com sua capital Königsberg, cidade natal do filósofo Kant, encontra-se em mãos russas, como se a guerra tivesse acabado ontem. Mas então era esse o objetivo final de certas "grandes democracias" que até hoje, não sabemos por qual divina autoridade, arvoram-se em policiais do mundo, xerifes do planeta, árbitros absolutos da Terra? O que é feito do princípio de autodeterminação dos povos? E os famosos direitos humanos, tão decantados em prosa e em verso?

A propósito, havia uma bandeira americana cuidadosamente pintada na bomba atômica lançada sobre Hiroxima. Poderá atirar a primeira pedra o primeiro e único país do mundo que atirou bombas atômicas sobre a população civil, inaugurando assim a prática do genocídio instantâneo, com efeitos radioativos que afetam gerações futuras? E isto (por ordem do Grão Mestre da maçonaria Harry **Salomon** Truman, criatura do *gangster* Pendergast) só para intimidar a Rússia, quando o Japão já estava negociando a paz, buscando a forma mais digna de se render.

Meio século se passou, mas povos e indivíduos, acuados pelo patrulhamento ideológico, quer "democrático" quer marxista-leninista, não querem reconhecer, após o colapso da URSS, as culpas e o grau de degeneração das chamadas grandes democracias, hoje não mais com as convicções necessárias para ocupar o vácuo deixado pelo fim do comunismo. Preferem continuar enaltecendo a "vitória" dos criminosos destruidores de Dresden e Hamburgo, Berlim e Colônia, Hiroxima e Nagasáqui, mancomunados com o regime que subjugou e escravizou durante meio século, um terço da Europa, em nome da ditadura do proletariado.

A propósito, há ainda os que hipocritamente se horrorizam ante Guernica, com suas duas centenas de vítimas, mas esquecem da

hecatombe da histórica cidade-museu de Dresden, em que as bombas incendiárias (ao fósforo) dos angloamericanos causaram mais de 385.000 vítimas. Mais de um quarto de milhão de mortos em 48 horas, somente para aterrorizar a população civil e impressionar os soviéticos, dado que não havia na cidade alvo militar algum e sim centenas de milhares de refugiados civis ante a maré das hordas soviéticas sobre a Silésia, herdeiras históricas e raciais de Átila.

A história das sórdidas façanhas dos paladinos de "democracia", "liberdade" e quejandos é longa. Seu fim não coincide com o das hostilidades. Os senhores vencedores ainda tinham sede de sangue.

Após a capitulação das forças do Eixo e a chamada "libertação", 300.000 fascistas "ou julgados tais", até mesmo mulheres e crianças, foram proditoriamente massacrados na Itália. Na França mais de 105.000. Todos os voluntários dos diferentes países que compunham a extinta União Soviética foram pelos anglo-americanos entregues aos russos e por estes sumariamente fuzilados. Só os ucranianos eram 220.000.

Nos gelados campos de concentração da Sibéria morreram ao relento milhões de prisioneiros de guerra alemães e italianos, húngaros e romenos.

Convém lembrar, ainda, que **quando a guerra já havia terminado**, mais de um milhão de alemães foram vítimas de **morte planejada** somente nos campos de concentração desabrigados americanos e franceses, sob o comando de Dwight David Eisenhower (também Grão Mestre da maçonaria, e favorito de Baruch e Morgenthau). Vide James Bacque - "*Other Losses*".

E tome democracia, dogma de fé, panacéia de todos os males, religião que tem bombardeiros e assassinos como missionários.

III
O Brasil na Guerra

No tocante ao nosso país, não é verdade que submarinos do Eixo torpedearam navios brasileiros antes da declaração de guerra por parte do regime de Vargas. Nada mais falso e absurdo, muito embora continue sendo a versão corrente nas escolas, nos quartéis e entre os deturpadores da História em geral.

Num raro exemplo de honestidade e lisura jornalística (que lamentavelmente não teve eco algum no resto da imprensa escrita, falada e televisada), o "Jornal do Brasil" de 24/9/1982 desmentiu amplamente as falsas notícias por ele publicadas em 1942.

Essas invencionices provocaram intensas manifestações populares, com quebra-quebra de estabelecimentos comerciais pertencentes a alemães, italianos e japoneses, que foram injustamente agredidos e perseguidos.

Era o tempo em que os pacifistas eram encerrados no campo de concentração da Ilha das Flores e a "Divina Comédia", escrita por Dante no século XIV, era vetada pela Censura do então Distrito Federal sob a alegação de ser uma obra... fascista. (Embora realmente fascista, e no bom sentido, fosse e é a legislação trabalhista brasileira, copiada "ipsis litteris", pelo governo getulista de então, da ***Carta del Lavoro*** de Mussolini.)

Era o tempo em que a propaganda anglo-americana intoxicava tudo e todos. Das dimensões dessa campanha, vale lembrar que pequenas cidades do interior do Brasil, sem qualquer importância estratégica, longe, muito longe do litoral, apagavam as luzes, à noite, por temor a bombardeios por parte de submarinos alemães! Mais

absurdo, ainda, foi o pavor espalhado entre nós, de que a Alemanha pretendia invadir o Brasil, mediante o desembarque de tropas no saliente nordestino. Como poderia a Alemanha, batendo-se em três frentes, voltar-se para a América do Sul, cruzando a imensidão do Atlântico? A crença em tal invasão encontra adeptos, ainda hoje, entre gente da mais alta hierarquia!

Os planos norte-americanos de invadir o Brasil, caso não cedesse o Nordeste para a instalação de bases que permitissem o apoio às operações na África e Europa, só vieram à luz decorridos muitos anos do término do conflito.

Em suma, se entrou na guerra para vingar-se dos aludidos torpedeamentos, **o Brasil lutou do lado errado.**[10] A verdade é que tudo não passou de armação do serviço secreto inglês, no intuito de dar impulso à sua campanha para que o Brasil tomasse finalmente partido na guerra contra o Eixo. Os afundamentos ocorreram por obra e graça dos aliados. Mesmo porque, diga-se de passagem, tinham estes combustível e munições de sobra para desperdiçar no Atlântico Sul com "ferros-velhos" do Lloyd, Costeira e similares, ao contrário da Alemanha e Itália, que sofriam de escassez crônica de todo e qualquer derivado do petróleo. A caça grossa para os submarinos do Eixo estava evidentemente no Atlântico Norte e não no Sul.

De mais, já de longa data vinha o Brasil cedendo às pressões dos Estados Unidos e violando ostensivamente a neutralidade. Um ano antes do rompimento de relações diplomáticas e comerciais com Alemanha, Itália e Japão, já o governo havia cedido aos norte-americanos as bases aéreas e navais de Recife, Natal e Belém. Além disso, já haviam sido congelados (e mais tarde

---

[10] Por que não reconhecê-lo de uma vez? - "Matamos o porco errado" - murmurou Churchill ao presidente Truman, em Potsdam, quando ambos saíam de uma entrevista com Stalin, o verdadeiro vencedor da Segunda Guerra Mundial. Nesse raro momento de lucidez, o primeiro-ministro, o alcoólatra coveiro do Império Britânico, reconheceu o absurdo e fatal equívoco que foi a declaração de guerra do seu país ao III Reich.

confiscados) os bens dos cidadãos e súditos do Eixo, e dois aviões brasileiros haviam afundado um solitário submarino deste em águas do Atlântico Sul. A História não se faz com suposições, mas seja-nos permitido fazer uma. Tivesse o Eixo revidado, teriam os ataques contado com o amparo do Direito internacional.

A campanha internacional de calúnias contra a Alemanha vem de muito longe. Basta dizer que já na Primeira Guerra Mundial dizia-se que o **Kaiser** Guilherme II tomava banho em sangue de crianças, que os alemães crucificavam prisioneiros, que aqueles "bárbaros hunos" haviam cortado as mãos de todas as crianças da Bélgica, após havê-las cegado, e outras fantasias do mesmo jaez. Só muitos anos depois do término daquela guerra, a comissão de inquérito revelou que tudo não passara de boatos espalhados pelo locutor da BBC de Londres. Interpelado a respeito, este se esquivou respondendo apenas: "Guerra é guerra".

Aliás, os ingleses parecem ser mestres no assunto. Durante aquela mesma guerra, na Central de Propaganda de Northcliff dispunha-se de oficinas em que se compunham montanhas de cadáveres artificiais mediante fotomontagens com bonecos - invenções de cérebros doentios, de mentes patológicas.

Digressão feita, convém acrescentar que se Hitler tivesse querido provocar o Brasil (a troco de quê?), não teria mandado condecorar generais brasileiros nem oferecido financiamento e construção da Siderúrgica de Volta Redonda. Por outro lado, julgar-se que submarinos alemães pudessem assim ter agido por mero entretenimento ou - quem sabe? - para executar exercícios de tiro ao alvo, significa não ter a menor idéia dos rígidos regulamentos militares germânicos.

O emocionalismo tende sempre a prevalecer sobre o factual, na medida em que os mitos são muito mais confortadores do que a realidade que contraria versões oficiais e institucionalizadas. Mas cumpre restabelecer a verdade dos fatos. Doa a quem doer, a História é o que é e não o que gostaríamos que fosse.[11]

[11] Lamentavelmente, não foi a primeira vez que o Brasil se viu arrastado pela Inglaterra a uma guerra sem razão de ser. Como demonstrou o historiador peruano Enrique Amayo, até na guerra genocida contra a república irmã do Paraguai o Brasil acabou sendo o braço armado do imperialismo inglês. (Sem contar que a campanha militar propriamente dita, que resultou no extermínio de dois terços da população masculina daquele país, foi financiada pelo hebraismo internacional através do "*The Rothschild Bank*".)

IV
O Japão na Guerra

Alguém já disse que quando uma guerra começa, a primeira vítima é a verdade. Nada mais exato. Em tempo de guerra, mentira como terra!

Destaque-se, a propósito, outra mentira corrente: a do "traiçoeiro" ataque nipônico a Pearl Harbour. Ora, jamais em sua história várias vezes milenar foi tradição do país do Sol Nascente declarar formalmente a guerra. Sentindo-se provocado e humilhado - como o foi pelos Estados Unidos e não apenas em 1941 - o Japão reage e ataca sem notificação oficial. Naquela ocasião, entretanto, o embaixador do Japão chegou a entregar um **ultimatum** que era virtualmente uma declaração de guerra, só que (por um contratempo de decodificação) poucos minutos após o ataque.

De mais, o grande jornalista americano William Buckley escreveu que "presidentes dos EUA já determinaram mais de 200 vezes a execução de ações militares no exterior e só cinco vezes o Congresso declarou guerra".

Ah essa nunca assaz louvada "democracia", que funciona a napalm e bombas atômicas!

(A história das agressões americanas é longa. A própria anexação e americanização do Havai pelos EUA nada teve de "democrática", visto terem estes acabado com a liberdade e independência do arquipélago através de uma política de intimidação e prepotências que culminou com a destituição da rainha indígena Liliuokalani, soberana legítima das ilhas.)

O ataque japonês foi provocado por Franklin Delano Roosevelt. Exatamente dez dias antes de Pearl Harbour, Roosevelt disse ao secretário da guerra Stimson (que o menciona em seu diário) que a tática a adotar devia ser a de induzir os japoneses a atacar primeiro. O fato é também revelado e documentado pelos próprios assistentes dele, por vários almirantes e por John F. Flynn, em seu livro "*O Mito de Roosevelt*" que coloca definitivamente Roosevelt entre os personagens mais mesquinhos e ignóbeis da história moderna.

Pearl Harbour era o pretexto de que o maquiavélico presidente americano precisava para envolver seu país na guerra contra o Eixo. (A iminência do ataque era por ele tão bem conhecida que tinha mandado colocar ao largo os porta-aviões modernos e deixar naquele porto os "ferros-velhos".) Mas foi única e exclusivamente a política americana de ameaças e chantagens que causou a entrada do Japão na Segunda Guerra. Diante de tantas e tamanhas provocações, qualquer nação digna deste nome não teria agido e reagido de maneira diferente.

É que a história é invariavelmente contada pelos vencedores, ainda mais em uma época em que os senhores donos da verdade manipulam a seu bel-prazer corações e mentes através de todos os meios de comunicação, influência ideológica e pressão moral. Quem poderá negar que os Estados Unidos dominam a indústria cinematográfica e a da informação? Ora, quem as domina, domina o mundo!

Na América Latina essa propaganda insidiosa encontra o mais fértil dos terrenos. Até porque a imprensa periódica latino-americana recebe, a tarifas que desafiam toda e qualquer concorrência, volumoso serviço de artigos traduzidos em espanhol e português. Pouco a pouco, a concepção americana do mundo vai se impondo a milhões de leitores que, não teriam a menor razão para aceitar as

análises que os americanos possam fazer, mas que não dispõem de qualquer outra base de comparação, de qualquer outra fonte de informação.

Credulidade popular, despreparo intelectual e preguiça mental fazem o resto.

V

Considerações Finais

Sabemos não passar de "*vox clamantis in deserto*". Sabemos que nossas denúncias cairão no vazio e que sempre haverá alguém que nelas imaginará motivações fascistas, políticas ou pessoais, como maneira de desviar as discussões de mérito. Os mais afoitos serão até capazes de acusar-nos de alienados, "racistas", inimigos da humanidade, ou coisa que o valha. Pouco se nos dá. Servir à verdade quando todo o ouro do mundo conspira contra ela não pode ser para ninguém tarefa fácil nem cômoda. Mas terrorismo cultural e patrulhamento ideológico não nos amedrontam. O Tempo há de nos dar razão. As idéias não se matam, não se fuzilam, não se enforcam.

Enquanto isso, só nos resta nos regozijarmos com o inglório fim do "paraíso soviético" e suas falácias e crimes. Por outro lado, esperamos que ao menos as novas gerações deste nosso país não se deixem enredar pelos arautos e corifeus de uma democracia paroleira, capenga e caduca, nem seduzir pelos cantos de sereia que continuam provindo do que teima em ser o último reduto do comunismo tupiniquim, submarxismo tropical: as universidades brasileiras.

Se essa fracassada ideologia pode ser tida como clinicamente morta ou se, ao contrário, ainda representa um perigo para a humanidade, só o tempo dirá. Isto porque a URSS implodiu, o mastodonte soviético desabou, mas engana-se quem julgar que o marxismo-leninismo acabou juntamente com ele. Convém, portanto, continuarmos alerta, pois o comunismo é como todos os virus: está no ar, é contagioso e pode ser fatal. Também como certos virus, toma diferentes formas com o decorrer do tempo, desenvolvendo resistências cada vez maiores. Permanecem inalterados, entretanto, a

inveja e o ódio próprios de uma esquerda que devemos continuar a chamar comunista, ao menos enquanto continuar propugnando luta de classes, ditadura do proletariado, subversão e coisas que tais.

Sua consigna de luta é a que deixou Engels, o "segundo violino" de Marx: "Tudo o que existe merece perecer".[12]

Não que o chamado Ocidente seja flor que se cheire. Longe disso. O liberalismo democrático, irmão gêmeo do capitalismo, é tão egoísta como ele. As pseudodemocracias contemporâneas não passam de oligarquias financeiras e plutocráticas a serviço do sionismo. A maior praga e flagelo de todos os tempos tem um nome: democracia, palavra que esconde a voracidade do capitalismo internacional, hoje disfarçado de neo-liberalismo, ontem aliado de guerra do imperialismo soviético. Duas faces da mesma falsa e podre moeda.

Algum dia, o povo haverá de entender que democracia é o nome que lhe dão os políticos quando precisam dele. Mais nada.

---

[12] Em matéria de civilização, Hitler classificava os seres humanos em três categorias: os criadores de cultura (os arianos), os portadores de cultura (os japoneses) e os destruidores de cultura (os judeus).
Poderemos ser tachados de preconceituosos, mas cabe aqui assinalar não estarem de todo equivocados aqueles "réprobos" que afirmavam ser o comunismo uma invenção judaica. A origem de seus criadores e principais líderes não deixa lugar a dúvidas; era invariável e inconfundivelmente a mesma. Afigura-se também sintomático o fato de que quase todos eles usassem nomes falsos. Tão falsos como a doutrina por eles pregada; cuja essência era um monstruoso e tirânico capitalismo de Estado, dirigido por uma burocracia onipotente, privilegiada e, como se viu, catastroficamente incompetente. Senão vejamos:
Karl Heinrich Marx, rabino nascido na Alemanha cujo verdadeiro nome era o de Kissel Mordekay; Friedrich Engels, judeu também natural da Alemanha; Lenin, judeu na linha materna (Blank), a ponto de falar com o filho em *yiddish*; Trotski, judeu cujo verdadeiro nome era Leiba Bronstein; Stalin, genro do judeu Kaganovitch e ele próprio judeu georgiano (seu verdadeiro nome era Iossip Vissariónovich Djugasvili, e Djugasvili significa "filho de judeu"); Rosa Luxemburgo, pseudônimo da judia Rosalia Lübeck; Kerenski, pseudônimo do judeu Adler; Molotov, pseudônimo do judeu Scriabin; Beria, Kruschev, Vishinski, judeus; Bela Kun, o carrasco da Hungria, judeu; Marechal Tito, judeu cujo verdadeiro nome era o de Iosif Walter Weiss, originário da Polônia; e inúmeros outros, do primeiro escalão ao último.

Haverá de entender, ainda, que um povo civilizado se destaca pela sua capacidade de autolimitar-se nos seus direitos. A autolimitação é nada mais nada menos do que o dever. Na liberal-democracia, a disseminação de direitos é coisa fácil, mas já é tempo de ensinar aos cidadãos que, para desfrutar um direito, há uma clara contrapartida de um imperioso dever.

"A liberdade diminui — dizia Salazar — à medida que o homem evolui e se torna civilizado". Só mentes obnubiladas pelo pífio palavreado demoliberalóide poderiam negar a verdade linear e cristalina de que Alemanha e Itália nunca foram tão grandes, unidas e respeitadas como naquele tempo e que, em ambos os países, o consenso era geral. O povo, recuperada a consciência nacional, passou a guiar-se por outras constelações. Havia compreendido que o bem comum, a honra e grandeza da nação, vêm antes do bem particular. Que a primazia não é do número, mas do caráter. Que a chave do equilíbrio do mundo está no balanço adequado entre direitos e deveres. Por isso, propugnar a supressão da luta de classes ao invés de exasperá-la é ato de alta sabedoria. O resto são vãs e retóricas abstrações que significam tudo e nada e, bem por isso, a nada levam.

Mussolini, uma das maiores mentes e vontades que a História já viu, governou a Itália como nunca tinha sido governada desde o tempo dos romanos: firmemente, com justiça, honestamente e, acima de tudo, com eficiência. A grandiosa legislação social fascista — a mais avançada e revolucionária da época e, basicamente, ainda em vigor — bastaria para assegurar-lhe lugar de honra na História. Não poucos foram os governantes que tentaram, em tudo ou em parte, seguir-lhe o exemplo, muito embora nenhum pudesse com ele sequer remotamente se comparar. Grandes personalidades e até grandes inimigos reconheceram-lhe a grandeza e humanidade.

É que naquele tempo, se nos permitem, ainda havia grandes homens e pensar e agir em termos de nação não era "politicamente incorreto". Era também uma era de grandes idéias e grandes esperanças. Hoje em dia, por toda parte a perspectiva que se oferece é a de uma vida sem grandeza, sem brilho e sem paixão, em um mundo dirigido não por grandes líderes mas por banqueiros sem rosto e politicastros venais. Mundo esse não pluralista, como tanto se deblatera, mas submetido à ditatorial imposição de uma única cultura: a da televisão, que é 90% americana ou americanizada.

Por falar em democracia, já vimos que seu nome é pronunciado a torto e direito, mas com um respeito supersticioso que beira o ridículo. Não se sabe ao certo o que ela é, mas ninguém se atreveria a questioná-la. Ela explica tudo, tudo permite, tudo encobre. E se não fordes democratas, à maneira oficial, sereis desditosos e amaldiçoados, em virtude, precisamente, da liberdade democrática.

Já no começo do século, um escritor inglês dizia, um tanto cruelmente, que "a democracia é o embrutecimento do povo, pelo povo, para o povo". Que os senhores democratas de todos os matizes e quadrantes nos perdoem, mas pouco teríamos a acrescentar a esta lapidar definição de tão enganoso mito e fetiche dos tempos modernos. Na verdade, nenhum país tem o direito de impor ideologia alguma a outro, nem com a pressão moral e econômica, nem muito menos com a força das armas. **Vietnam doceat!**

De mais a mais, longe de ter sido comprovada, a excelência da democracia parlamentar é coisa extremamente duvidosa. Que se pode esperar da ditadura do número, da mediocridade e da mesmice? Trata-se de forma de governo que só pode interessar aos que dela se aproveitam.

Como é possível então explicar que ainda hoje os povos acreditem nessa verdadeira vaca sagrada e por ela suspirem e gastem nuvens de incenso em seu louvor? Provavelmente porque o homem escuta com prazer quem procura convencê-lo de que ele vale mais do que na realidade, e quem lhe promete mais do que ele possa jamais obter. E talvez também porque os argumentos antidemocráticos, que falam à inteligência e ao bom senso mais do que às paixões, ainda não conseguiram penetrar nas classes médias, contrariamente à propaganda intensa da democracia, que utiliza o sistema inverso.

A tão invocada e apregoada "verdadeira democracia" não passa de uma quimera. Jamais existiu, nem poderia se concretizar na prática, nem resolveria problema social algum, antes pelo contrário.

Inventada que foi pelos gregos, em priscas eras, a democracia direta foi concebida apenas para o Estado-cidade, forma política típica da civilização helênica. Nem sequer então, entretanto, chegou esse regime a funcionar em toda a sua "pureza", visto que coexistiu tranqüilamente com a escravidão e acabou levando Atenas, após efêmero brilho, aos piores excessos, à corrupção e decadência. Como se vê, nada de novo sob o sol!

Quanto à democracia indireta, seu reto exercício é totalmente prejudicado por uma série de interesses opostos, que acabam tornando-a não apenas uma utopia, como a expressão mais acabada de uma farsa: a exploração da ignorância dos eleitores, o suborno, as fraudes eleitorais, as pressões políticas e econômicas exercidas sobre o eleitorado, a mais desenfreada demagogia. Uma vez no poder, os mesmos representantes devidamente eleitos sabem encontrar mil e uma maneiras de burlar as responsabilidades assumidas com seus eleitores, e visar mais a seus interesses que aos deles, chegando não poucos a envolver-se em negociatas, bandalheiras e até mesmo narcotráfico (se é que já não começaram a fazê-lo antes

para custear suas campanhas). É por isso que as esperanças do povo acabam sempre frustradas e defraudadas.[13]

Ninguém ignora que estamos vendo o descrédito dos políticos tradicionais no mundo inteiro. Mesmo no Japão, sendo a potência que é, com os indicadores sociais que apresenta, dois palhaços de programa de rádio foram eleitos prefeitos de duas das mais importantes cidades do país. Em todo caso e com todo o respeito que nos merece a honrada categoria dos palhaços, alvíssaras! Salve a democracia e seu mais glorioso florão - o sufrágio universal![14]

O fato é que não existe sistema de governo aplicável a todos os povos, tempos e países. Ainda a propósito de Japão, seu exemplo é bastante elucidativo. A democracia, imposta goela abaixo ao povo nipônico pelos vencedores americanos (a poder de várias explosões nucleares), trouxe consigo corrupção, prostituição, droga, alcoolismo, máfia. "Excusez du peu", senhores paladinos do "mundo livre, global e sem fronteiras"!

---

[13] Aristóteles, o maior dos filósofos gregos, e talvez de todos os tempos, cita em suas obras políticas três formas de governo: a monarquia, a aristocracia e a **demagogia**. Somente no século XVIII, durante o chamado "século das luzes", os *iluminados*, membros da maçonaria (força propulsora das revoluções liberais) travestidos em "filósofos", traduziram do texto original em grego de Aristóteles o termo "demagogia" como sendo "democracia". A rigor, portanto, o termo "democracia" não tem sua origem na Grécia clássica, mas sim nalguma loja maçônica do seculo XVIII. Desde então, valem-se esses pseudofilântropos da obscuridade inerente ao próprio conceito de democracia (tão vago, ambíguo e indefinido quanto o de liberdade), para enganar o povo e anular a sua vontade, derrubar tronos e altares, encobrir tramas e crimes motivados por ódio insano e doentio. Desse modo, conseguem escapar ao juízo dos homens, que mal chegam a supor quais e quantos escusos interesses e conspirações se escondem atras de sua "humanitária" fachada. Recorde-se, alias, a magistral definição mussoliniana: "**A maçonaria é um biombo atrás do qual se ocultam pequenas coisas e pequenos homens.**"

[14] Da nossa parte, nada temos contra a democracia social, que é coisa bem diferente da democracia política. Só aos demagogos profissionais interessa fazer com que os incautos confundam uma com a outra. Aos ingênuos ou maliciosos pregadores do igualitarismo político permitimo-nos lembrar que a igualdade não existe nem nos cinco dedos da mão. A sociedade fundamenta-se na desigualdade dos homens. Ter um privilegio: eis o sonho de qualquer igualitarista. Ousaríamos acrescentar que tratar igualmente os desiguais é uma forma de ser desigual.

No Brasil, o supra-sumo, a imagem mais viva e palpitante da democracia, podem ser admirados em pleno centro das principais capitais, onde nunca a degradação foi tão generalizada. É a omissão, o descaso, o laxismo em toda a sua glória. Nem sequer o espetáculo de milhares de menores abandonados, carentes e doentes dormindo nas calçadas, dopados pela cola, derrubados pelo crack (e, entre uma "tragada" e outra, assaltando à mão armada) parece preocupar os democráticos responsáveis por este país. Deificar a democracia parece-lhes mais importante, digno e louvável e, ao que tudo indica, haverão de continuar glorificando essa mistificação, esse conceito vago e inconsistente até o fim dos tempos. Enquanto isso, locupletam-se à custa do povo, desmantelam o Estado e, nas horas vagas, dão-se até mesmo ao requinte de imortalizar em bronze aidéticos físicos e morais. As gerações futuras, o Brasil de amanhã, não lhes inspiram cuidados. É que os pais da pátria não querem parecer retrógrados. Com o triunfo da globalização, a grandeza moral, espiritual e material da nação é coisa de somenos e até "entulho de regimes autoritários", "ranço de totalitarismo" e outros chavões do mesmo naipe. A construção do caráter é também suspeita. A eugenia então é "coisa de nazista", abominável e inominável, tabu absoluto.[15]

Infelizmente, nas sociedades capitalistas, saúde, educação, segurança do cidadão comum, não são considerados problemas emergenciais. A despeito do palavrório, não há uma visão do futuro, um projeto racional, uma meta inspiradora e motivadora. Anões da política transformam-na em mera disputa de egos. Crise no sistema ou do sistema? - Lembraremos apenas que nos regimes fascistas tais valores eram tidos e havidos como absolutamente prioritários. Que droga e delinqüência juvenil eram desconhecidas. Que se havia uma classe de privilegiados era precisamente a dos jovens, "aurora da vida, esperança da pátria, cidadãos de amanhã", nas palavras do próprio Duce (que não por acaso recebeu o título de "Princeps Juventutis").

---

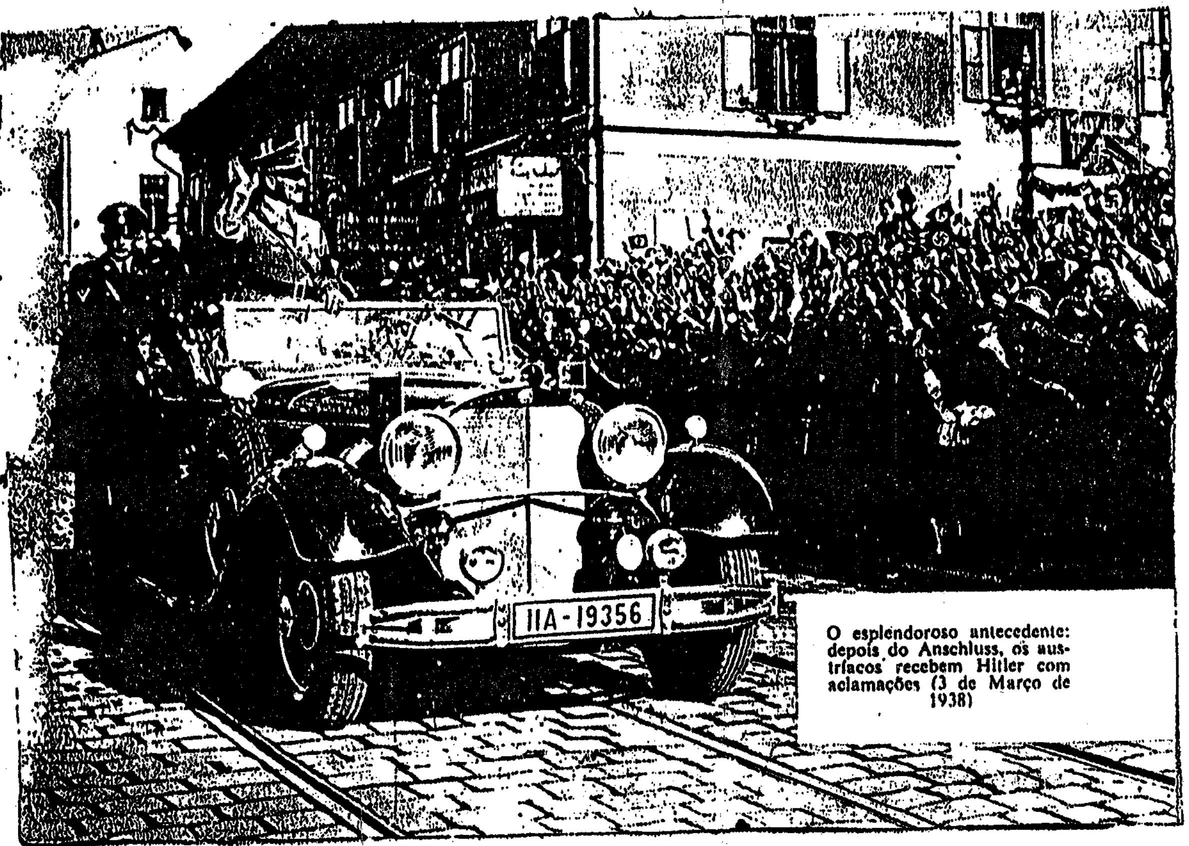
[15] Embora, sempre e quando o objetivo for o lucro, seja admitida para seres bem menos nobres do que os humanos.

Vã e tardia polêmica? Não. Motivo para reflexão, principalmente para as gerações vindouras. Vive-se, no Brasil, uma democracia puramente **verbal** em que predominam — no político, a verborragia, a incompetência e a corrupção; no social, a inércia, o descalabro, a bomba-relógio do desemprego; no econômico, os interesses e diretrizes do capitalismo internacional. É bem verdade que, pelo visto, essa síndrome não tem sido exclusividade do Terceiro Mundo. Contudo, para o diagnóstico do nosso tempo, o modelo brasileiro afigura-se antológico. Periodicamente, através de "jogos cartáceos", dá-se ao povo a ilusão de ser soberano, mas as velhas forças oligárquicas que sempre dominaram o cenário político nacional acabam sempre falando mais alto. Não se trata de lideranças ou elites esclarecidas, mas sim apenas de "elites" econômicas; daí que o prognóstico seja invariavelmente desolador. Uma vez com as alavancas do poder, homens os menos dignos de exercê-lo não tomam em conta que os governos existem para fazer justiça.

E o povo, o homem comum deste país e deste final de século? Como soam atuais as palavras de Goethe! — "Os homens — dizia — deixam-se iludir por vazios sons de palavras".

Por essas e muitas outras, não hesitamos em proclamar, alto e bom som, com todas as letras, a mais "politicamente incorreta" das divisas: abaixo a democracia, maldita seja a democracia; que os céus destruam, já que os homens a toleram.[16]

[16] Não se estranhe o tom panfletário, virulento, provocatório, mas este é um manifesto, não um catecismo.



O esplendoroso antecedente: depois do Anschluss, os austríacos recebem Hitler com aclamações (3 de Março de 1938)

A estranha "invasão" da Áustria



A French Maquis surfaces in Grenoble after the liberation.

Truculento espécime de guerrilheiro "democrático"

Execução de um bravo



(Above) *A young Frenchman, convicted of collaboration with the Germans, is tied to a stake in Grenoble in September 1944.*

(Opposite above) *Six Frenchmen, convicted of collaboration, are executed by a firing squad in Grenoble.*

(Opposite below) *The coup de grâce is given to young collaborators.*

"Democracia" em ação



No manicômio Pacientes fazem fila para votar em um hospital psiquiátrico de Moscou. A eleição russa foi conduzida em hospitais, aeroportos e estações ferroviárias para aumentar o comparecimento

Democracia em marcha

ou, por outra,

o sufrágio universal em toda a sua glória.

("Somos todos iguais" !)



O estadista do século

Para finalizar, convém recordar — a título de curiosidade histórica — uma estranha coincidência, ironia das ironias. Quer o desmoronamento do comunismo, quer o desmembramento de Tcheco-Eslováquia, Iugoslávia e URSS (com a libertação dos Estados bálticos, etc.) foram preconizados e/ou atuados há mais de cinqüenta anos pelos dois homens mais caluniados da história universal — Hitler e Mussolini — e que tudo isso e mais a reunificação da Alemanha ocorreu precisamente por ocasião do centenário do primeiro. Casualidade ou nêmese histórica? De qualquer modo, nada poderia ser mais simbólico da reviravolta que colocou de cabeça para baixo o mundo surgido dos conchavos de Ialta.

Outro paradoxo e ironia da história, ainda que em escala menor: Wernher von Braun, o genial ex-cientista de Hitler que colocou o homem na Lua por conta dos americanos, era um ex-SS!

No mais, vale o avisado princípio de Carlos Peixoto: Toda vez que ouço a maioria gritar calorosamente num sentido, começo a pensar que realmente a razão está do outro lado.

Já o dizia Ibsen: As maiorias nunca têm razão.

Nossa conclusão é óbvia e coincide com a de recente editorial do Financial Times, prestigioso jornal de um dos países "vencedores": "Cinqüenta anos depois da derrocada da Alemanha de Hitler, não é fácil dizer o que está sendo celebrado, quem deve celebrar, qual é o tom comemorativo apropriado ou até mesmo se as celebrações têm sentido".

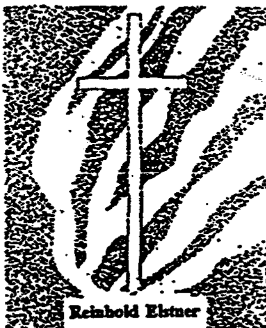
Um sobrevivente

6 de agosto de 1995 - 50º aniversário do Holocausto de Hiroxima

Mártir da Verdade

Na noite de 25 de abril do corrente ano, Reinhold Elstner, veterano de guerra de 75 anos, ensopou suas roupas com gasolina e, em frente ao histórico monumento de Feldherrenhalle em Munique, Alemanha, ateou fogo ao seu corpo, queimando até a morte.

O motivo deste ato extremo foi o desespero e o sentimento de impotência frente à avalanche de mentiras, difamações que inundaram o mundo com a versão criminosa que os vencedores de 45 impuseram a ferro, fogo e mídia à toda a humanidade, iniciando com a total deturpação dos fatos que originaram o maior conflito bélico de todos os tempos, passando pela ignominiosa falsidade quanto ao comportamento do soldado alemão -do qual Elstner, com sua atitude mostrou ser um dos seus mais dignos representantes- e culminando com o terrível embuste planetário chamado "holocausto".

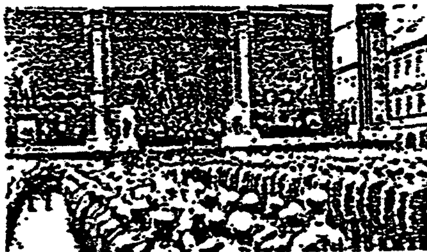


Reinhold Elstner

Elstner, Mártir e Herói, uma das últimas vítimas -seguramente não a última- desta guerra sem fim, deixou uma longa carta expondo todo seu horror com o atual estágio da humanidade, onde a mentira e a corrupção, a vilania e a falsidade, a inversão total dos valores fundamentais do ser humano e a vitória do material sobre o espiritual não lhe deixavam mais alternativa de sobrevivência. Não para ele, soldado de velha estirpe, para quem Verdade, Honra e Fidelidade sempre estarão acima de tudo.

"50 anos de infindáveis difamações, terríveis mentiras e a demonização de todo um povo, é demais.
50 anos de inacreditáveis insultos aos antigos soldados alemães, extorsões que custam bilhões, e de ódio "democrático", é mais do que alguém pode suportar.
50 anos de vingança judicial sionista é suficiente.
50 anos criando lacunas entre gerações de alemães, com a criminalização de seus pais e avós, é demais.
O que ainda teremos de suportar neste ano de "comemorações" será simplesmente inimaginável. Uma avalanche de mentiras e difamação tem nos inundado. Com 75 anos já não posso fazer muito mais, mesmo assim, neste último ato, com a minha morte por auto-imolação, quero ser uma luz para a volta ao sentido da realidade. E se minha morte servir para a conscientização de um único alemão, e assim encontrar o caminho da Verdade, então meu sacrifício não terá sido em vão."

Como era de se esperar, a mídia, tanto alemã como internacional, obedecendo ordem centralizada, passou por cima deste acontecimento, minimizando ou -*como sempre e mais uma vez*- distorcendo os fatos. Pequenos tópicos em páginas internas de alguns jornais fizeram alusão a um *suicida, desiquilibrado, veterano nazista, desajustado social, inconformado, saudosista incorrigível* e outros qualificativos depreciativos e até jocosos. Nem uma foto, nem o nome, nem sua transcendental mensagem. Posteriormente a imprensa deu destaque ao fato de alguns *direitistas, neonazis e anti-semitas (!)* terem tido o desplante de tentarem depositar algumas flores no local. Foram exemplarmente impedidos pelas "autoridades", com cacetetes e jatos de água, utilizados a seguir para "limpar" a área, apagando os vestígios daquele acontecimento *antidemocrático* e constrangedor...



Memorial de Feldherrnhall, em foto dos anos 30. Este local, escolhido pelo mártir Reinhold Elstner para seu sacrifício, é altamente simbólico, pois foi ali, durante o levante de 1923 (Putsch de Hitler), que 16 nacional-socialistas foram assassinados pela polícia da tristemente famosa República de Weimar. É possível até que Elstner esteja neste antigo foto. De qualquer forma, hoje está, em espírito, pois, a partir de sua morte, os 16 de 23 passam a ser 17.

ÍNDICE

A Lista da Revisão

1- **Holocausto Judeu ou Alemão?** Nos bastidores da Mentira do Século de S.E. Castan. A mais completa obra revisionista do mundo.
2- **Holocausto Judío o Aleman?**, de S.E. Castan, em espanhol.
3- **Holocaust - Jewish or German?**, de S.E. Castan, em inglês.
4-**Holocaust - der Juden oder Deutschen?**, de S.E. Castan em alemão.
5- **Acabou o Gás - O Fim de um Mito.** De S.E. Castan.
6- **S.O.S. para Alemanha**, de S.E. Castan. Sensacionais revelações.
7- **A Implosão da Mentira do Século**, de S.E. Castan. O derradeiro ato da farsa do "holocausto".
8- **Dos judeus e suas Mentiras**, de Martin Luther, o Reformador. Raridade escrita em 1543.
9- **Auschwitz e o Silêncio de Heidegger**, do Dr. Roger D.P. de Menasce. Professor judeu desmascara o "holocausto".
10- **A História do Livro mais Perseguido do Brasil**, equipe de reportagem do **Jornal RS** comenta perseguições a S.E. Castan.
11- **O Massacre de Katyn**, do militar Sérgio Oliveira. Ponto final à farsa de meio século.
12- **Hitler - Culpado ou Inocente?**, de Sérgio Oliveira. Importantes fatos e novidades.
13- **Sionismo X Revisiónismo**, de Sérgio Oliveira . Valioso documentário.
14- **A Face Oculta de Sacramento**, de Sérgio Oliveira. Novas revelações da História do Brasil sobre essa Colônia.
15- **Os conquistadores do Mundo** - Os verdadeiros Criminosos de Guerra, de Louis Marschalko. Obra vigorosa e de impacto.
16- **Quem escreveu o Diário de Anne Frank?** Robert Faurisson desmonta a farsa que sensibilizou o mundo.
17- **Carta ao Papa**, do Gen. Leon Degrelle, enviada ao Papa João Paulo II antes de visitar Auschwitz.
18- ***Brasil Sempre***, *de Marco Pollo Giordani. Resposta ao livro "Brasil Nunca Mais", da CNBB.*
19- **O Judeu Internacional**, a famosa obra de Henry Ford.
20- **Brasil - Colônia de Banqueiros**, de Gustavo Barroso. Um histórico das explorações sobre nossos empréstimos e dívidas.
21- **O Plano Judaico de Dominação Mundial - Os Protocolos dos Sábios de Sião.** Gustavo Barroso comenta o famoso plano.
22- **História Secreta do Brasil**, em 6 volumes (I,II,III,IV,VeVI) de Gustavo Barroso imprescindível para entender o país e saber por que tentam eliminar esta obra. Venda avulsa.
23- **Complô contra a Igreja**, de Maurice Pinay, em português. As intermináveis lutas enfrentadas pela Igreja, frente ao seu maior inimigo: a sinagoga judaica. Em 4 volumes (I a IV) - venda avulsa.
24- **Getúlio Vargas Depõe:** O Brasil na II Guerra Mundial, de Sérgio Oliveira (Prêmio Nacional de Pesquisas Históricas). Quem conduziu o Brasil à guerra? Por que nossos navios foram afundados?.
25- **O Cristianismo em Xeque**, de Sérgio Oliveira (Prêmio Revisão Histórica). Profundo estudo das ocorrências no Vaticano, judaísmo-sionismo, maçonaria, etc.
26- **O ELO SECRETO da Economia e da Política com a Religião e o Ocultismo** de Hélio J. de Oliveira (Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica). Amplo estudo no âmbito nacional e internacional.
27- **ERAM INOCENTES!** Depõem os defensores de Nuremberg, de C.W. Porter (Prêmio Revisionismo Internacional). 50 anos após o linchamento, finalmente uma obra altamente documentada.
28- **Um Diplomata no Oriente - Brasil: Subida ou Descida para o Século XXI** do Embaixador Adolpho Justo Bezerra de Menezes. Crônicas e relatos.
29- **Minha Luta** (Mein Kampf): de Adolf Hitler, reedição completa 578 páginas.
30- **Murieron Realmente Seis Millones?** Do Prof. De História inglês Richard Harwood. Espanhol
31- **O Cachorro**, de Marco Pollo Giordani. Romance político-policial.
32- **Tebas, O Pequeno Campeador**, de Marco Pollo Giordani. Romance infantil, ilustrado, 84 pgs.
33- **A Festa da "Vitória"** - da II G. Mundial, de Aldo A. Mónaco.
34- **O Livro Branco sobre a Conspiração Mundial**, de Sérgio Oliveira. Judaísmo/sionismo no banco dos réus.
35- **Genocídio - Anatomia do Paraíso Bolchevista**, de Sérgio Oliveira.
36- **Discurso em Defesa da Liberdade de Expressão**, de Sérgio Oliveira.

LIVRO: O Melhor Presente! - ADQUIRA! - LEIA!

ATENÇÃO: As presentes obras destinam-se a estudos/pesquisas em geral e como contribuição para a ampliação do conhecimento e aperfeiçoamento do cidadão brasileiro sobre História e Política.

PEDIDOS PARA REVISÃO Editora e Livraria Ltda.
Cx. Postal 10.466 90001-970 Porto Alegre, RS - Brasil
Fone/fax: (051) 223.1643

QUEM NÃO LÊ SABE TANTO QUANTO AQUELE QUE NÃO SABE LER!